

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Eleição presidencial O jogo do perde-ganha

O senador Antônio Carlos Magalhães almoçou ontem com o publicitário Nizan Guanaes, seu velho camarada da Bahia e agora, depois da morte de Geraldo Walter, o homem-chave do marketing da reeleição. Como de costume, o senador não revela detalhes das conversas que tem, mas vai alinhavando umas idéias que dão a pista do que se discute no governo a respeito da necessidade – já reconhecida oficialmente pelo presidente Fernando Henrique Cardoso – de mudar meios, modos e procedimentos. A fim não apenas de ganhar a eleição, mas de vencer com condições de governar, sendo verdadeiramente hegemônico na sociedade.

Vitória de raspão, na opinião de ACM, não vale. Na análise do presidente do Senado, não é o caso de governo e governistas entrarem em pânico imaginando que o que mostram as pesquisas hoje é mesmo um retrato fiel do resultado da eleição. “Dá para recuperar. Quando Lula tinha 30 pontos a mais do que Fernando Henrique, ele próprio provocou a sua derrocada. Isso não vai acontecer porque o presidente não mete medo nas pessoas e o Lula apavora.”

Portanto, na opinião do senador, não se trata de considerar a possibilidade da derrota. Mas, antes, a hipótese da vitória feia. E o que se configuraria uma vitória feia?

“Perder nas capitais, por exemplo.” E o significado político disso é que, nesse caso, do vencedor é subtraída boa parcela de autoridade. Para evitar isso há urgências a serem providenciadas. A mais urgente delas é o presidente conseguir se despir da convicção íntima de que, não importa o que faça, no fim tudo acaba dando certo. “Ele precisa ouvir quem tem experiência de vitória, quem sabe verdadeiramente falar à emoção do povo.”

Estamos diante desse *expert*?

“Não, não, a última coisa que quero é parecer que estou me apresentando como aquele que vai resolver tudo. Até porque o presidente é mais dez vezes competente do que eu, principalmente do ponto de vista intelectual.”

Mas ACM acha que pode contribuir, desde que fale em linha direta com o presidente. “Hoje temos intimidade suficiente para isso.” A única coisa que ele não quer é integrar comandos coletivos de campanha. “Nisso não vou.”

Se já explicitou suas idéias a Fernando Henrique, o senador não revela. Mas fala sobre elas sem problemas. Por exemplo, ele não vê eficácia em discursos conceituais muito menos em entrevistas coletivas, que geralmente são muito longas e acabam por transmitir mensagens difusas às quais ninguém presta muita atenção e das quais não sobram mensagens de impacto.

“Ele tem de falar coisas curtas e lógicas”, diz. E, quando sentir que foi mal-compreendido, não deixar passar o tempo sem explicação, muito menos tentar dizer que o que disse não foi o que quis dizer. ACM cita o exemplo do vagabundo. “Além de demorar a se explicar, o presidente recuou quando deveria ter reafirmado que são vagabundos sim aqueles privilegiados que inviabilizam as folhas de pagamento públicas com aposentadorias precoces e astronômicas.”

Traduzindo, ACM acha que Fernando Henrique deve sim marcar presença na mídia – inclusive tratando de aplacar rápido algumas arestas que o senador acha que existem nos comandos dos jornais, das revistas e das emissoras de televisão. Mas essa presença deve ser mais frequente que extensa.

Essas mudanças que ACM defende é evidente que não são apenas de forma. Mas principalmente de conteúdo. As ações de governo precisam de exposição, mas também de tradução popular. Por exemplo, uma sugestão que o senador vem fazendo ultimamente é para que o governo invista pesado na área de habitação popular, não só com o objetivo de atender a demanda por moradias mas também como forma de gerar empregos.

Em resposta à sugestão, obtive a informação de que o governo federal já investe nessa área e construiu muito mais que administrações anteriores. “Só que o povo não está sabendo disso.” Nessa hora, tira do bolso um pequeno papel onde está escrito o nome de um programa federal: “Proger-FAT.”

“Com esse nome é impossível saber do que se trata, embora seja algo ligado à habitação e geração de empregos com recursos do FAT. Na Bahia sabe como se chamaria um programa assim? *Viver Melhor*, é isso o que todo mundo entende.”

Mesmo detectando erros de comunicação que considera graves, Antônio Carlos Magalhães sequer raciocina sobre a possibilidade de derrota. Acha que os apavorados estão aflitos antes do tempo e que, atuando com competência, o governo reverte, e reverte rápido, a queda nas pesquisas. Quadro que, para ele, é apenas um reflexo de insatisfações, mas que não pode “de maneira alguma” ser considerado uma tendência inevitável.

Ainda mais porque o adversário principal não representa uma novidade, não é fator de surpresa, não se presta ao inusitado. “Lula já mostrou uma vez que sua figura assusta e vai assustar de novo.”

**ACM acha que
Fernando Henrique
não pode correr o
risco de ganhar por
pouco ou perder nas
capitais**